

O Anel de Nibelungo, de Wagner



A Valquíria

Aparece uma cabana construída no tronco de um vigoroso fresno, o Fresno da Vida, a Árvore do Mundo, cujas raízes proeminentes saem do solo enquanto que sua copa perde-se no infinito. Cravada no tronco, até a bainha, destaca-se uma espada, a Espada do Conhecimento Intuitivo. À direita, dentro da cabana, arde a lareira e à esquerda vê-se a escadinha de uma habitação interior. Sigmundo, ou Sigismundo, o filho de Wotan e de Erda, abre violentamente a porta, penetra na cabana e, vencido por aquele supremo esforço, cai junto ao fogo da lareira. Anoitece. A desordem nas vestimentas do guerreiro revela que vem, depois de um combate e de uma fuga, através do bosque. Siglinda, com uma tocha na mão, chega e o vê deitado, sobre um monte de peles, acreditando primeiramente que é seu marido Hunding de regresso de suas caças. Surpresa, fala com o desconhecido e dá-lhe de beber algo que o faz voltar de seu desmaio.

— *Meus membros estão solidamente unidos, diz o guerreiro, recordando aquele símbolo dos despedaçados membros de Baco, Osíris e tantos outros da lenda universal. Não sei quem sou; quisera sabê-lo; a tempestade e a desgraça me jogaram no bosque tenebroso, na selva misteriosa e cruel da vida, cujo caminho ignoro. Para onde eu vou, acompanha-me a desgraça e o sofrimento. Wehwalt, "o que se agita na dor" foi o triste nome que adotei. Poderia, entretanto, chamar-me Friedmundo, o boca de paz, antítese do nome Sigmundo que levo; porém, apesar de minhas dores eternas, eu sou Frohwalt, o que se agita na pura voluptuosidade dos deuses. Sou, enfim, o filho do Lobo, o Welsungo, o protótipo da força e da independência rebelde, aquele que desde a origem dos tempos foi consagrado ao grande Welsungo Odin, ou Wotan, o Soberano do Walthalla, quando quis viver independente e livre. Os Neidingen, "os filhos do cão" que sempre adulam, os filhos da Inveja, por fim, vendo que o Lobo era meu pai, incendiaram nossa cova, podaram o carvalho que nos servia de lar, mataram minha mãe, roubaram minha família e me separaram de meu pai quando caçava com*

ele. Proscritos e perseguidos por onde vamos, temos vivido fugindo e separados no bosque tenebroso durante longos anos, sob as eternas notas do triste motivo do Welsungo, somos incapazes de inspirar em ninguém o divino sentimento de Compaixão e de Amor...

Antes de terminar esta frase havia chegado Hunding, o brutal caçador, filho do cão vil e marido à força da raptada Siglinda, aquela irmã de Sigmundo, cuja perda chorava e que, como ele, havia caído nas mãos dos cruéis inimigos de sua raça.

— *A Norna, que a ti deu tal destino ao nasceres, pouco te amava. O homem que hoje te alojias não pode saudar-te alegre, diz o cruel Hunding a Sigmundo. Conheço tua raça feroz, para ela nada há de sagrado. Odiada por todos, eu também a odeio. Por esta noite respeitarei as sagradas leis da hospitalidade; porém, amanhã, ao apontar-se o dia te atacarei, vingando com teu sangue o sangue vertido pelos meus...*

Siglinda prepara para seu marido uma porção narcotizante, e, quando saem para o quarto volta-se para Sigmundo fixando um olhar de paixão, com o qual pretende também dar a entender que se fixe na espada do conhecimento intuitivo, que há muito está cravada na Árvore da Vida, ali colocada pelo hercúleo Wotan quando, disfarçado de viajante, se apresentou no dia do forçado casamento de Siglinda. Sigmundo fica triste e só naquelas crescentes trevas da cabana inimiga.

— *Estou sem armas, em casa inimiga! — murmura o herói. Meu pai, o grande Welso (sobrenome do Lobo ou de Wotan) me prometeu que, quando me atacasse a suprema angústia, encontraria uma espada... O amor mais invencível me domina! Welso, Welso, onde está tua espada?*

Pronunciadas estas palavras, o fogo, como que respondendo aos seus clamores, faz brilhar a poderosa arma. Enquanto isso, Siglinda aparece cautelosa e lhe dá a entender por sinais que se ponha a salvo ou que tente arrancar a espada para salvá-la deste cruel destino. Ao mesmo tempo conta ao herói, entre frases de recíproco e santo

amor, como um estrangeiro deixou cravada aquela espada, sem que ninguém houvesse conseguido retirá-la. O amor entre eles já floresceu. Sigmundo consegue sem esforços retirar a espada. Lançam-se um nos braços do outro, e misteriosamente aparece a fada Primavera, que bendiz a união e os arrasta enlaçados para o bosque, sob os raios da lua cheia, melancólica protetora de todos quanto se amam... Reconhecem-se não como irmãos de sangue, mas como irmãos infelizes do espírito, aquele espírito rebelde e gigante de Welso.

Wotan, armado de todas as armas, aparece entre as abruptas montanhas no segundo ato das Valquírias. À sua frente, galopando pelos ares, a valquíria Brunhilda, a principal e mais amada daquelas terríveis guerreiras filhas de Wotan e de Erda.

As valquírias eram as filhas dos mais ardorosos desejos de Wotan, encarregadas de despertar o heroísmo no peito dos homens, tornando-os dignos de morrer em combate e, assim, ser levados até o Walhalla em lugar de ver-se submergidos na Hella, a mansão das sombras, ou limbo da vaidade, onde vão parar os mortais vulgares. Esta Hella é, nas lendas nórdicas, o frio inverno, a mansão obscura, mas não o inferno da mentalidade católica-romana. Simplesmente um lugar inferior ou mundo da vulgaridade, onde ficam aqueles que não se destacaram em suas vidas por nenhuma ação heróica nem altruísta, bem distinto do que era o Walhalla (Campos Elíseis dos gregos), onde eram carregadas em triunfo, pelas valquírias guerreiras, as almas dos heróis mortos nos campos de batalha de uma vida de abnegação e de sacrifícios, para ali ser transformados em esplêndidas aves e vistosas borboletas. A Hella, enfim, faz parte dos Sapta-loka, ou Sete Lugares inferiores de Ilusão, um dos quais, o mais inferior, infernal por certo, era a nossa Terra para os indostãos.

O pai Wotan ordena à sua valquíria Brunhilda que baixe para proteger Sigmundo, o Welsungo, na luta que travará com Hunding, e ela, alegre, parte rapidamente pelos ares, lançando seu grito de guerra costumeiro. Subitamente a alegria da valquíria é interrompida, e, aterrada, se detém um momento vendo a chegada de Fricka, a inexorável esposa do deus, protetora de toda a vulgaridade hipócrita e de todos os homens que se conformam com a defeituosíssima Ordem estabelecida, essa Ordem reinante, onde o gênio, o heroísmo e demais altas virtudes não podem nunca ser compreendidas em sua excelsa grandeza, e que representa, portanto, a grosseira moral consuetudinária, plena de rotinas, contrária a toda iniciativa



da Vontade Livre, emancipada das travas daqui de baixo pelo Conhecimento Intuitivo.

Fricka, a guardiã do Himeneu (casamento), ainda que este não seja por amor, e sim por engano, ou por força, como o de Siglinda e Hunding, aproxima-se de seu esposo para exigir-lhe, em nome do Himeneu, que proteja Hunding e abandone o Welsungo, que, em seu adultério e incesto, violou todas as leis divinas e humanas. O deus resiste em vão alegando que não pode existir lei alguma contra as sagradas leis do Amor, nem juramento algum válido que no Amor não se fundamente. Fricka, furiosa como a Juno grega contra o nascimento de Hércules, começa a maldizer a raça Welsung, símbolo da suprema ignomínia de um deus que, percorrendo os bosques como os lobos, sob o nome de Welso, depois de haver forçado a Orvala Erda, ou a Natureza, e tirando dela as guerreiras valquírias, chegou à baixaza inaudita de procriar "um casal humano", esse deus busca em sua Mente transcendida nada menos que um Homem, um Herói que seja capaz de criar uma Ordem desconhecida e que, sem a proteção divina, saiba redimir-se de suas leis e cumpra assim seu destino, destino necessário para salvar os deuses, porém que nenhum deles podia realizar. Semelhante Desejado dos Tempos, não é outro senão aquele divino Prometeu-Sigfrido: o "filho amado de um pai inimigo". Fricka é o símbolo da negra reação, oposta sempre como inerte lastro a todas as exaltações dos Movimentos redentores: o mundo do Mal, em suma, contra as ascensionais energias do Bem, e com o Bem, no entanto, desposado, pela lei dos contrários; o mundo da Mentira contra a Verdade; o da Rotina, contra a mágica Imaginação Criadora, a mais misteriosa das faculdades da Mente.

Wotan, em meio à dor, sacrifica – como Abrão – seu próprio filho, com base nas leis que ele mesmo criou. Esse é o glorioso símbolo do pai sacrificador e do filho sacrificado, que é base de todas as teogonias, inclusive do Cristianismo; e o pai, fiel a esta Ordem estabelecida, vê-se obrigado, pela Inércia dessa mesma ordem, a retirar a proteção de sobre o Amado de sua alma, deixando-o abandonado em seu destino: o destino do sacrifício que redime, como se tudo quanto existe de negro e de maldito neste baixo mundo houvesse de ser lavado, não com o sangue das veias, mas com este outro sangue da dor moral e da imolação da Mente no aras do Amor, que é Sabedoria.

Wotan retira a proteção de seu filho e deixa em liberdade a valquíria, para que faça aquilo que sua Vontade determine. Fricka se retira satisfeita e Wotan cai tristemente sobre uma roca, absorto em suas lúgubres reflexões. Brunhilda joga-se a seus pés; Wotan narra-lhe, então, seu grande segredo:

Que ninguém jamais saiba o terrível segredo que vou contar-lhe. Quando comecei a perder a atração pelo Amor, minha alma audaz ambicionou o Poder. Com ferocidade impetuosa, soube conquistar o universo e sujeitar com leis todas as Potências do Mal . . . Tão-só o astuto Loge, sob a forma de uma chama errante, escapou de minha tirania . . . porém, ainda sendo onipotente, aspirei amar . . . unicamente um filho das Trevas, um débil nibelungo, Alberico, que maldisse o Amor, soube desligar-se de tão supremo vínculo, conquistando o Ouro do Reno e com ele um poder incomensurável . . . O anel que forjara caiu em minhas mãos, manchando-as; porém, em vez de devolver o ouro às ondas sagradas, paguei com ele a construção do Walthalla, de onde domino o mundo. Aquela para quem o passado ou o porvir não tem segredos, Erda, a sublime, a sábia, fez com que me desfizesse do anel, profetizando-me uma ruína definitiva . . . quis saber de tudo, mas ela se retirou, desaparecendo. Perdi então toda a serenidade e, ansioso por saber de tudo, Deus baixou do Céu até as entranhas da Terra . . . Encantada pelos veios do Amor, turbada no orgulho de sua ciência, a Vala me respondeu por fim . . . Foi minha! E assim a mais sábia das sibilas do mundo foi sua Mãe, a terra, e a de seus oito irmãos. Eu mesmo os criei com a esperança de evitar os perigos que a Vala me havia predito . . . o vergonhoso Ocaso dos Deuses. Para que na hora da luta o inimigo nos encontrasse fortes, encarreguei vocês, as valquírias, de engendrar e fomentar o heroísmo de nossos antigos escravos, os homens, o heroísmo da Humanidade toda, reduzida por nosso despotismo a inclinar a cabeça às nossas determinações . . . Havíamos extin-

guido sua bravura e nossa tarefa consistia em sustentá-los nos combates, exaltando seu vigor pela rudeza da luta, para que assim eu pudesse reunir no Walthalla as mais intrépidas multidões armadas, capazes de lutar. Porque, tem de saber ainda . . . que se o nibelungo conseguir o anel, nossa ruína é segura. Hoje o anel está sob a custódia do gigante Fafner e eu não posso retirá-lo por causa dos pactos firmados. Somente um, o Eleito, um herói sem meu influxo, com a única ajuda de suas próprias armas, poderia conseguir o único objeto de meu Desejo. Como descobrir esse amigo-inimigo capaz de lutar a meu favor contra minha própria divindade? Como criaria um Ser Livre, que sem minha aprovação mereceria minha gratidão e meus amores por sua rebeldia? Quem, não sendo eu, realizará espontaneamente o ideal de meu exclusivo desejo? Dolorosa angústia! Asco profundo de encontrar sempre reproduzida minha imagem por onde quer que haja algo criado! . . .

Brunhilda fica estupefata ante a ordem que recebe de lutar contra o Welsungo, protegendo o repugnante Hunding, e trata, em vão, de resistir à força da vontade paterna. Entretanto, os felizes Sigmundo e Siglinda haviam subido pelo barranco e esta, com o coração amargurado pelo perigo que corre seu amado na luta contra o injurioso Hunding, cai desmaiada; Sigmundo coloca-a sobre uma pedra. A valquíria, aparecendo misteriosamente, diz a Sigmundo que a olhe face a face, porque logo deverá segui-la ao Walthalla, onde se encontram os maiores guerreiros que sucumbiram. O intrépido herói se nega a acompanhá-la se não puder levar consigo Siglinda, coisa que é impossível, porque as mulheres não podem gozar dos triunfos celestes, reservados aos heróis. Siglinda deve ainda respirar a aura da terra pelo que tem de revelar depois. Em vão tenta a valquíria vencer sua resistência, dizendo-lhe que, segundo a lei, aquele que a observasse face a face teria forçosamente de morrer. O herói se prepara para a luta confiando em sua espada Nothunga extraída do Fresno da Vida, e confiante em seu próprio esforço deixa Siglinda sob a proteção da insensível deusa, a qual, como todas as imortais, não conhecia o sentimento de piedade para com o débil, e de compaixão para com o abatido . . . Aos poucos o coração da valquíria começa a perceber e sentir este sentimento humano de piedade redentora e impede que o herói mate a sua amada para que não sobreviva ao seu infortúnio. A valquíria, tendo já transformado em humano o seu coração, resolve desobedecer ao Pai e ampara com sua égide, o Welsungo.

Hunding aparece com seus cachorros e

os dois se chocam em furiosa luta, entre os fulgores da tempestade que desencadeia. A batalha fica por um momento indecisa, porque Brunhilda protege Sigmundo dos golpes mortais de Hunding. Quando Hunding está por cair pelo ardor invencível de Sigmundo e de sua Nothunga (a espada), aparece Wotan, de improviso, entre os combatentes: com sua lança invencível, faz saltar em dois pedaços a espada do Welsungo, e o herói, assim desarmado, cai por fim sob o golpe mortal de Hunding, enquanto a valquíria recolhe os pedaços da espada e, montando no cavalo com a infeliz Siglinda, vai para o Walhalla. Hunding, por sua vez, cai morto ante a simples presença de Wotan, que lhe ordena ir prostrar-se na Hela ante Fricka. Em pleno horror da tempestade, o deus supremo que acaba de sacrificar, contra sua vontade, seu próprio filho, lança velozmente o cavalo em perseguição à sua filha, para castigá-la pela inaudita rebeldia.

Na ladeira direita da montanha há um bosque de pinheiros e, à esquerda, a entrada de uma gruta onde o monstro Fafner dorme sobre seu tesouro. As divinas valquírias chegam à sua mansão excelsa levando na garupa dos cavalos as almas dos guerreiros que acabam de morrer combatendo pelo Ideal em qualquer de suas formas. Só falta Brunhilda, que chega, por fim, trazendo em seu cavalo a carga mais santa de uma mulher que vai ser mãe, porém, ao mesmo tempo, a carga mais odiosa e repulsiva para a insensível crueldade daquelas guerreiras virgens.

Brunhilda pede o auxílio de suas irmãs, par encontrar um local para a pobre Mãe,

que por si só é o mais elevado dos heróis, a Heroína. Mas as insensíveis valquírias se negam a protegê-la, temerosas do furor paterno. Brunhilda, mais sublime que nunca pelo mero fato de ser já compassiva, compartilhando as dores com a pobre Humanidade, leva amorosamente a Mãe para a caverna de Fafner, segura de que ali Wotan não lançaria sua fúria. Serena e compassiva, com a certeza do dever cumprido, vai ao encontro de seu indignado pai, não armada de lança, mas com uma arma mais poderosa: o invencível vigor da Consciência moral e humanizada, que opõe a Égide do Dever Cumpriado às brutalidades da força física e às estreitezas de uma moral rotineira sem emotividade real: este é o tema da Justificação que todo o herói humano, ainda que sucumba, lança à face dos deuses ou forças que o tiranizam.

Brunhilda sabe qual é o castigo que deverá sofrer pela desobediência a seu pai Wotan: perderá a condição de valquíria, transformando-se numa vulgar mortal. No fundo, Wotan não está tão feliz, pois Brunhilda teria realizado seu desejo oculto, mas novamente sucumbe em virtude de suas próprias leis.

Antes porém do terrível julgamento de Brunhilda, esta havia feito a profecia de que o filho de Siglinda se chamaria Sigfrido, o Redentor, e lhe seria entregue, como dote, os dois pedaços da espada gloriosa.



Emilio Moufarrige

LEIAM

- **Os Mistérios de ISIS E OSÍRIS** – Narração do filósofo Plutarco, do século I A.C. sobre a mitologia e filosofia egípcias.
- **MAHATMA GANDHI** – A Violência Derrotada – Lia Mertzig – A importância de Gandhi para o acervo moral e espiritual da humanidade e seus exemplos práticos de renúncia a toda luta violenta.
- **ANKOR, O DISCÍPULO** – Jorge Angel Livraga – A verdade sobre a Atlântida à luz do conhecimento esotérico.
- **SATSANGA, Contos da Índia** – Ada Albrecht – narrações da antiga tradição indiana
- **A Alma, a Beleza e a Contemplação** – Ismael Qulles – seleção e comentários das “Enéadas” do filósofo Plotino
- **UTTARA GITA** – Ada Albrecht – tratado de filosofia monista da Índia
- **Último Lançamento: DINÂMICA DA HISTÓRIA** – Cláudio De Cicco – a história em uma visão vibrante e atual

● **Publicações da Associação Palas Athena**